

VIRAR AS ARMAS PARA DENTRO

COMO NASCERAM OS BANDOS CONTRA- REVOLUCIONÁRIOS

- ★ Quem os criou, organizou, armou e treinou
- ★ Onde foram recrutados os seus elementos
- ★ Quais os seus objectivos

Temos vindo a divulgar, nos últimos dias, notícias sobre as operações levadas a cabo pelas FPLM contra grupos reaccionários que actuavam nas províncias de Manica e de Sofala, praticando actos de sabotagem e terrorismo. Conforme noticiámos na quarta-feira, essas operações levaram à ocupação do acampamento principal desses grupos, designado Sitalonga II e situado na província de Manica.

Mas de onde surgiram esses grupos? Como foram formados? Quem os constituiu? — estas são algumas questões a que procuraremos responder no artigo que publicamos a seguir.

Quando, em 7 de Setembro de 1974, com a assinatura dos Acordos de Lusaka, se consumou a derrota do regime colonial-fascista português em Moçambique, é depois de fracassar a intenção ultra-reaccionária que então teve lugar, milhares de colaboradores do

regime vencido fugiram em pânico para países vizinhos — exactamente como, quando um barco se afunda, os ratos se apressam a abandoná-lo.

Na sua maioria, esses indivíduos eram criminosos que haviam colaborado activamente

na repressão do nosso Povo. Eram PIDEs, Comandos, Flechas, GEs, GEPs, OPVs, etc. Receando o julgamento do Povo, fugiram então para a Rodésia, para o Malawi, para a África do Sul, onde esperavam encontrar refúgio e apoio. A eles juntaram-se membros dos grupos fan-

ches criados na última fase do colonialismo, criminosos de delito comum, colonos que haviam perdido os seus privilégios e outros indivíduos que, por qualquer motivo, tinham razões para ferner o Povo.

É entre essa amálgama de indivíduos que o regime racista rodesiano vai recrutar agentes que utilizará em operações de agressão ao nosso País. Numa primeira fase, alguns são usados como guias das forças regulares rodesianas quando estas invadem o nosso território. Outros elementos são treinados pelo «Special Branch» (Ramo Especial) — serviços secretos rodesianos — para acções de espionagem ou sabotagem no interior do nosso País. Muitos destes indivíduos foram capturados pelas nossas forças e pela vigilância popular e oportunamente apresentados ao Povo através da nossa Informação, como os leitores devem estar recordados.

UM NOVO PASSO NA ESCALADA

A partir de fins de 1975, princípios de 1976, entretanto, o regime rodesiano decide dar mais um passo na escalada das suas agressões ao nosso País. É então que começa a organizar, sob a direcção directa do Special Branch, unidades especiais para actuarem em Moçambique, constituídas essencialmente por indivíduos recrutados nos grupos já acima referidos.

Para fins de propaganda no exterior, o regime rodesiano pretende apresentar estes

elementos como moçambicanos «dissidentes» lutando sob a bandeira de um movimento político organizado. É assim que nasce, nos escritórios dos serviços secretos rodesianos, o chamado «Movimento Nacional de Resistência». Pouco depois, na Rádio Rodésia é criada a «Voz da Quizumba», no mesmo contexto.

Na coordenação dos esforços dos racistas para obter estes resultados, colabora activamente um cidadão português chamado Orlando Cristina, tristemente conhecido pela sua participação nos crimes de guerra do exército colonial português em Moçambique.

Orlando Cristina é considerado o braço direito de Jorge Jardim, o conhecido agente de Salazar e Caetano que viveu muitos anos no nosso País, no tempo colonial, e que se notabilizou, nomeadamente na tentativa de encontrar uma alternativa neocolonial para Moçambique. Através de Jardim e Cristina, o regime rodesiano pôde obter o apoio da Internacional Fascista para o seu projecto. Foi também Jardim quem obteve do antigo latifundiário de Inhambane, Domingos Arouca, cidadão português de pele preta fugido de Moçambique antes da Independência, o consentimento para o tal «Movimento» utilizar o seu nome.

Organizadas, treinadas e armadas pelos rodesianos, as unidades especiais assim formadas começaram a penetrar em Moçambique onde desenvolviam acções de carácter terrorista contra a nossa população, assim como de sabotagem da nossa economia. Eles recebiam apoio logístico constante da força aérea rodesiana, o qual lhes permitia permanecer por longos períodos no nosso território, fugindo à confrontação directa com as FPLM e preferindo actuar em zonas onde sabiam que não existiam forças nossas. Entre outras acções, raptavam elementos da população que levavam para a Rodésia para serem treinados e virem engrossar os seus efectivos. Muitos desses elementos, como os leitores devem lembrar-se, conseguiram fugir e relataram mais tarde, aos nossos órgãos de Informação, tudo o que lhes havia acontecido.

TENTATIVA DESESPERADA

Após a assinatura do acordo de Lancaster House em Londres e com a aproximação da queda do regime rodesiano, agrava-se a crise do grupo de actuação em Moçambique.

Por um lado, o Governador colonial britânico na Rodésia advertiu o Estado rodésiano de que tais actividades contrariavam o espírito do acordo de Londres. Por outro, há a possibilidade de uma vitória eleitoral da ZANU (FP), que necessariamente se oporia à actuação de tais grupos.

Desta forma, nos meses que precederam as eleições na Rodésia são fechados os campos de treino, ao mesmo tempo que o Special Branch advertia esses grupos de que ia abandoná-los à sua sorte. E nessa altura que alguns destes indivíduos entram em contacto com elementos da Embaixada sul-africana em Salisbúria, assistindo-se então à fuga de muitos deles para a África do Sul, juntamente com os Selous Scouts.

Com efeito, a «Voz da Quizumba» deixa de funcionar a partir da Rodésia antes da formação do primeiro Governo do Zimbabwe.

Quando o Governo da ZANU (FP) toma o poder em Zimbabwe, durante o mês de Março deste ano, os grupos armados criados pelo «Special Branch» e apoiados pelo exército rodésiano, entram numa fase de verdadeiro desespero. Eles assumem então, perdida a sua relaguarda, um carácter de bando armado errante.

Os seus homens infiltrados na parte norte das províncias de Sofala e de Manica recebem ordens para se dirigirem para as montanhas de Espungabera. Na então Rodésia, e apoiados por funcionários do Estado e fazendeiros da zona compreendida entre Melseffer e Chipinga, hostis à Independência do Zimbabwe, eles encontram facilidades para fazer infiltrações no nosso território.

Com efeito, alguns elementos da polícia de Chipinga e Melseffer facilitam a estes homens cartões de cidadania zimbabweana, enquanto os fazendeiros, com financiamento proveniente da África do Sul, lhes oferecem empregos nas suas machambas.

Espungabera é escolhida essencialmente por ser uma zona de floresta muito densa, sem comunicações rodoviárias (destruídas pelas agressões rodésianas), que o colonialismo nunca desenvolveu e com terreno favorável a actividades militares pela sua configuração montanhosa.

Obedecendo a um plano traçado depois da assinatura do Acordo de Lancaster House, desde o início deste ano que os grupos armados vinham preparando condições para a cria-

ção do acampamento de Sitalonga em Espungabera. Tal como o haviam tentado fazer nas montanhas da Gorongosa, de onde acabaram sendo expulsos pelas FPLM em colaboração com a população, eles constroem o acampamento que agora foi tomado, com apoio que receberam do exterior.

Com estes meios e tentando desviar a atenção das FPLM, estes grupos armados, dos quais fazem parte portugueses, rodésianos, sul-africanos e outros mercenários, iniciam uma série de ataques armados longe de Sitalonga II, nomeadamente na estrada Beira-Maputo e contra uma central eléctrica em Manica.

No início deste ano, as FPLM desencadeiam a ofensiva que viria a permitir a ocupação de Sitalonga II, prosseguindo neste momento a perseguição aos sobreviventes em fuga dos grupos reacçãoários.

DUAS FACES DA MESMA OFENSIVA

O ofensiva político-militar desencadeada pelas FPLM é uma outra face da Ofensiva Política e Organizacional que se desenvolve no nosso País desde o início do ano, nas condições criadas pela libertação do Zimbabwe.

Conforme salientou então o Presidente Samora Machel, pudemos finalmente virar as armas para dentro. Virá-las, por um lado, contra o inimigo interno infiltrado no Aparelho de Estado e nos sectores produtivos. Virá-las, por outro lado, contra os bandos contra-revolucionários que, criados pelo regime racista de Salisbúria tentam ainda, já morto este, e com novos apoios exteriores, perpetuar as suas acções criminosas contra o nosso Povo.

São as duas faces de uma mesma luta, que tem como objectivo desalojar o inimigo onde quer que ele se encontre e assim criar condições para travarmos vitoriosamente, nesta década, o combate decisivo contra o subdesenvolvimento.

Para o inimigo infiltrado no nosso Aparelho de Estado, a actuação dos bandos reacçãoários armados era esperança do fim do poder popular, do regresso da exploração e da opressão. Para o regime racista vizinho e seus agentes, o inimigo interno era o colaborador precioso que nos criava dificuldades, que nos impediam de avançar mais depressa.

Em próximas edições, esperamos divulgar outros aspectos das operações agora desencadeadas pelas nossas forças.